



Saúde &
Transformação
Social

Health &
Social Change



Artigos originais

Tecnologias da educação a distância e prevenção da violência

Technologies of a distant learning course and violence prevention

Elza Berger Salema Coelho¹, Carolina Carvalho Bolsoni¹,
Sabrina Blasius Faust¹, Gisélida Garcia da Silva Vieira¹,
Thays Berger Conceição¹, Marcia Luz¹, Sheila Rubia Lindner¹

1. Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente artigo se propõe a relatar a experiência de produção e implementação de dois cursos voltados para a temática do enfrentamento a violência contra a mulher. Com forte compromisso político no combate a esse grave problema, o Ministério da Saúde em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, viabilizou a oferta dos dois cursos, na modalidade a distância: um com objetivo de instrumentalizar o profissional de saúde realizar o acolhimento visando receber, escutar, analisar e decidir sobre a atenção às mulheres em situação de violência doméstica; outro, visando instruir mulheres e lideranças comunitárias para que possam informar e apoiar mulheres em situação de violência para acessar a rede de atenção.

Palavras-chave: tecnologias para educação, violência contra a mulher, educação à distância

Abstract: This article aims to report the experience of production and implementation of two courses directed against women's violence. With a strong political commitment to combat this significant health problem, the Ministry of Health, in partnership with the Federal University of Santa Catarina, developed and offered two online courses: one directed to develop skills in the health-care providers to promote effective practices and appropriate responses when caring for women in domestic violence situations; the other, aiming to educate women and community leaders to inform and support women experiencing violence to seek healthcare networks.

Keywords: technologies for education, violence against woman, distant learning course

1. Introdução

A violência contra a mulher, em todas as suas formas – psicológica, física, moral, patrimonial, sexual, incluindo tráfico de mulheres – é um evento que alcança diferentes classes sociais, origens, religiões, estado civil, escolaridade e raça (GUIMARÃES MC e PEDROZA RLS, 2015). Torna-se necessário, portanto, que sejam implementadas políticas públicas e estratégias acessíveis a todas as mulheres e que englobem todos os tipos de violência, assim como ações que contribuam para disseminação de informações e para a formação de uma rede de proteção.

Entende-se que trabalhar com a educação em saúde voltada para essa problemática é uma estratégia importante uma vez que a cultura machista ainda é evidenciada em nosso país e, a partir do momento em que se trabalha no combate a essa mentalidade, pode-se alterar a situação da violência contra a mulher.

Partindo desse princípio, reitera-se a importância da realização de ações educativas como orientações, esclarecimentos e troca de conhecimentos sobre medidas de prevenção e proteção, considerando serem essas essenciais na busca de combate e coibição desse tipo de violência.

A oportunidade de formar uma rede de proteção é primordial para mudança de comportamento da sociedade, sendo as ações educativas em saúde, um dos meios mais amplos e oportunos para realização dessa meta.

2. Objetivos dos Cursos

As apostas no ambiente virtual são um dos investimentos em tecnologias que surgiram nos últimos anos em diversos setores. No setor saúde, não é diferente: as tecnologias digitais proliferaram, impulsionadas pela esperança de que possam oferecer soluções para muitos dos complexos desafios enfrentados pelos indivíduos.

Especificamente no campo da violência contra as mulheres, houve um crescimento de intervenções baseadas na prevenção e nas respostas aos problemas encontrados. Surgiram, assim, aplicativos para dispositivos móveis, websites informativos com conteúdo para vítimas de violência, avaliação de segurança, ferramentas de planejamento, intervenções de apoio ao relacionamento e programas que visam promover mudanças de comportamento para homens, relacionadas à quebra da perpetração do comportamento agressivo (JEWKES; DARTNALL, 2019).

A violência doméstica contra as mulheres é amplamente conhecida como uma violação dos direitos humanos e um grande problema de saúde pública. Descrita como ação ou omissão baseada no gênero que cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual, psicológico ou patrimonial, essa violência pode ocorrer entre os parceiros íntimos, entre os membros da família – sendo esses consanguíneos ou não –, ou entre pessoas unidas por laços afetivos, dentro ou fora do ambiente doméstico (DELZIOVO, 2019).

No Brasil, apenas em 2021, foram registradas 67.788 denúncias de violência doméstica e familiar contra mulheres por meio dos canais do disque 100 e 180, de acordo com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Sugere-se, inclusive, que no período de reclusão, em virtude da Pandemia de Covid-19 e em decorrência do isolamento e da tensão com o cenário social, situações de estresse tenham alavancado este tipo de violência.

Apesar dos esforços de diversas agências sobre a importância do papel dos profissionais de saúde na identificação da violência contra

a mulher e na resposta adequada e oportuna, a qualificação profissional para abordagem do caso é fator a ser melhor trabalhado, conforme relatado em pesquisas diversas. Devido às consequências da violência na saúde, mulheres nessa situação são frequentadoras assíduas dos serviços de saúde, muitas vezes, sendo esse o único lugar em que procuram ajuda. A atenção primária à saúde constitui-se, assim, como um espaço fundamental diante desse contexto.

O reconhecimento da problemática, que muitas vezes ocorre de forma velada, é o primeiro passo para que sejam possíveis intervenções das equipes de saúde. Este nível de atenção é, dessa forma, privilegiado, pois tem potencial para identificar o risco de violência a partir do reconhecimento do território e do diagnóstico situacional, além de propiciar a coordenação do cuidado e o acompanhamento longitudinal. A aproximação das mulheres com as equipes na atenção primária à saúde, constitui um dos principais contatos delas com os serviços existentes, apontando para uma possibilidade de escuta, acolhimento e atendimento que poderá potencializar o enfrentamento da situação de violência vivenciada.

Frente a esta crítica realidade de violência, surge a necessidade de abordar e aproximar o tema não somente dos profissionais da área da saúde, mas de toda a sociedade, incluindo a população e as lideranças comunitárias. Cientes desta importância e com forte compromisso político no combate à violência contra mulher, o Ministério da Saúde em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, viabilizaram a oferta de dois cursos na modalidade a distância, com a preocupação de atender aos seguintes públicos: profissionais da saúde de nível superior; e lideranças comunitárias. O primeiro curso tem como objetivo instrumentalizar o profissional de saúde para realizar o acolhimento visando receber, escutar, analisar e decidir sobre a atenção às mulheres em situação de violência doméstica. E, o segundo, objetiva instruir mulheres e lideranças comunitárias para que possam informar e apoiar mulheres em situação de violência para se tornarem capazes de acessar a rede de atenção. Este é, assim, o grande diferencial de tal proposta de cursos, em que a tecnologia permite facilidade de acesso à informação para milhares de pessoas de todo país.

Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo apresentar as informações sobre as tecnologias empregadas por esses dois cursos e como estas contribuem na prevenção e atenção às mulheres em situação de violência.

3. Metodologia eleita para os cursos

Os cursos têm como público-alvo profissionais de saúde que atuam no Sistema Único de Saúde (SUS) e população em geral. No público, classificado como população em geral, temos pessoas que possuem todo e qualquer nível de formação em diversas profissões, incluindo lideranças comunitárias.

Os profissionais de saúde desempenham um papel importante no aprendizado, uma vez que são atores ativos do processo de educação em saúde. Este artigo descreve como foram utilizadas as metodologias ágeis de ensino, contextualizadas no conhecimento desses profissionais de saúde em seu trabalho diário. Por isso, fazer o recorte ideal do público-alvo foi fundamental para o sucesso do curso.

O percurso metodológico e tecnológico adotado para sustentar a prática de ensino foi associado às trilhas de aprendizagem. É considerada uma trilha de aprendizagem com sequência de atividades facilitadoras da compreensão para a apreensão dos conceitos abordados. Carbone (2018, p. 14) traz como definição para trilha de aprendizagem:

As trilhas de aprendizagem são caminhos alternativos e flexíveis, que permitem que um profissional escolha, dentre as várias possibilidades de capacitação apresentadas, aquelas que melhor se adequem ao seu estilo de aprendizagem, tempo de dedicação, necessidades e interesses. As trilhas podem ser focadas no desenvolvimento de competências específicas para o trabalho, facilitando o desenvolvimento de competências que geram valor às organizações.

Estas trilhas podem ser lineares, trazendo para os cursos uma cadência lógica de conteúdo, ou, como neste projeto, podem estar agrupadas, colocando o foco em uma só estratégia de ensino ou tema. Uma trilha de aprendizagem, por trazer para o processo de aprendizagem certa

liberdade, dando ao aluno a possibilidade de identificar rapidamente quais os pontos críticos da prática que está sendo ensinada, pode ser considerada uma metodologia de aprendizagem ágil.

Desse modo, a utilização de trilhas de aprendizagem mostrou dinamicidade tanto na promoção e a na aplicação do conhecimento, quanto na produção dos materiais a serem utilizados no curso. Caracterizou-se como uma metodologia ágil, também, pela flexibilidade do desenvolvimento de temas e materiais, baseados em experiência e na diversidade de estímulos.

A descrição das ações didáticas subjacentes às metodologias de ensino correlaciona-se ao uso de trilhas de aprendizagem, conforme descrito a seguir.

1. Apresentação do curso: objetivos e organização das unidades de conteúdo.
2. Descrição de situações problema: relato de casos fictícios que envolvem mulheres em situação de violência e trazem algumas reflexões a esse respeito, direcionando o cursista para as unidades de estudo.
3. Indicação das unidades de estudo: localizando os conteúdos propriamente ditos nas respectivas unidades, apresentando as evidências científicas sobre o assunto e os textos elaborados pelos autores do curso, que são a base do conhecimento. Essas unidades de estudo foram organizadas em tópicos de conteúdos como:
 - o que é violência doméstica – que aborda a definição de violência contra as mulheres e as formas como a violência costuma se apresentar;
 - prejuízos causados pelas situações de violência na vida das mulheres – que discute as especificidades das consequências da violência para as mulheres e demonstra como desenvolver estratégias de segurança;
 - serviços que compõem a rede – que apresenta informações sobre os serviços existentes na rede de apoio e como se pode orientar as mulheres em situação de violência a acessá-la.
4. Proposta de fórum: espaço para compartilhamento de experiências e visões sobre possíveis ações realizadas no enfrentamento e na prevenção da violência contra as mulheres. Por meio desta ferramenta

acontece a interação entre os cursistas, propiciando a troca de experiências entre pessoas de diversos locais do Brasil. Ela supre a necessidade que participantes sentem em cursos à distância de se aproximar de outros profissionais interessados no tema, demonstrando que a temática é, realmente, relevante. O fórum de debates tem se tornado um espaço muito rico de compartilhamento, de melhoria das ações e de reflexão sobre novos encaminhamentos estruturados na atenção primária, previstos na legislação vigente.

5. Avaliação do aprendizado: aplicação de instrumento avaliativo como atividade obrigatória para conclusão do curso e obtenção do certificado de conclusão. Para a aprovação, o participante deve alcançar nota 60 ou superior. O instrumento consta de questões objetivas elaboradas para que também tivessem, além do caráter somativo, o caráter formativo com feedbacks contextualizados.
6. Tomada de opinião: ao finalizar todas as atividades, o cursista tem a oportunidade de avaliar o curso. Esta é uma ferramenta extremamente importante, pois, a partir dela, pode-se realizar a avaliação do curso e realizar adequações, caso sejam sinalizadas.

Um aspecto fundamental nessa estrutura online é a presença do tutor em toda a trajetória do cursista, imprescindível à orientação dos estudos e na mediação do debate.

4. Resultados

Considerando a importância da tecnologia para a educação e capacitação com diversos recursos, os cursos à distância ofertados sobre a temática de violência para a população e para os profissionais de saúde proporcionaram, rapidamente, imenso alcance na formação dos profissionais e, conseqüentemente, o cuidado das pessoas atendidas foi ampliado e mais mulheres passaram a ter acesso à informação e atenção.

Durante o ano de 2022, ambos os cursos foram disponibilizados, no formato online. Esta facilidade de estudo, atraiu milhares de pessoas interessadas na temática, abrangendo todas as

regiões do Brasil, tendo as regiões Sul e Sudeste o maior número de participantes, representando o total de 63% dos inscritos.

Por meio do curso *Guia para manejo de situações de violência doméstica contra a mulher na APS* foi possível atingir centenas de profissionais com formação na área da saúde, atuantes no atendimento e prestação de serviços à saúde da população. Destacando com maior representatividade os médicos, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais, totalizando o percentual de 86,3%. A tecnologia utilizada no ensino à distância, possibilita que todos os profissionais de saúde participantes tenham acesso às informações que se tornam importantes ferramentas na identificação da violência, definição de prioridades e intervenções em relação à mulher vítima de violência.

O curso *Rede de apoio às mulheres em situação de violência doméstica*, direcionado à população em geral, capacitou nesta temática milhares de pessoas nas capitais e nos diversos municípios do país, ampliando a informação quanto aos serviços de atenção e proteção às mulheres vítimas de violência. Os participantes deste curso se apresentaram em diversas formas de atuação e de formações profissionais, destacando-se as lideranças e grupos comunitários, profissionais das áreas policial e advocacia, assim como profissionais da educação, professores e pedagogos, e ainda estudantes e populações em geral.

A importância desse instrumento tecnológico destaca-se para a construção do conhecimento a respeito da violência contra as mulheres no território brasileiro (DA SILVA, 2019). A relevância do tema foi destaque para os estudantes envolvidos. Segundo depoimentos, as informações do curso foram importantes para que os profissionais de saúde se aprofundassem sobre o tema e para ampliar o conhecimento da população em geral. Além de facilitar a melhor compreensão da situação, sem julgamentos, o curso ainda oportuniza a formação de agentes de proteção e orientação em todos os espaços (família, trabalho, rede de amigos).

A metodologia utilizada nesta proposta oportunizou que os estudantes tivessem acesso a diversos materiais e protocolos para o reconhecimento e atendimento de mulheres que informam, ou não, sofrer ou terem sofrido violência doméstica.

Entre os retornos dos estudantes estão situações de segurança para atender à demanda, acolher as mulheres e orientar ações para uma rede de proteção. Estão presentes no discurso dos estudantes a questão da formação de uma rede de proteção e os destaques para as diferenças entre os municípios (uns com mais estruturas que outros), assim como a necessidade de enxergar as potencialidades de cada município. Há relatos de que, anteriormente ao curso, não conheciam todos os componentes que existem para auxiliar a mulher nos casos de violência doméstica e que, somente a partir das informações do curso, puderam pesquisar os centros de apoio do município.

Entre os estudantes que não são da área da saúde temos um retorno de que o curso traz informações de grande relevância para o aprimoramento dos atendimentos visto que o tema tem muita expressividade no contexto social atual. Os da área de segurança pública, por exemplo, destacam a oportunidade de utilizar o material para reforçar as políticas de segurança no combate à essa forma de violência.

Importante destacar que a experiência do curso tem demonstrado, nas discussões presentes no fórum de debates, que os estudantes repassam informações e indicam o curso para colegas e para mulheres vítimas de violência. Essa disseminação de informações pode ser considerada como potencialidade para uma rede de proteção.

Entre os profissionais de saúde, há um reconhecimento entre as profissões e sobre seus atendimentos. Temos relatos de profissionais sobre retorno de mulheres que, a partir de suas orientações, conseguiram dar o primeiro passo para sair do ciclo de violência e estabelecer um caminho que não pensavam antes conseguir.

A desmistificação da violência e a quebra do preconceito faz parte dos feedbacks que temos dos estudantes e profissionais. Segundo eles, o curso oportuniza informações que facilitam a compreensão do porquê a mulher se mantém em um relacionamento abusivo e destacam pontos importantes para que os problemas a serem enfrentados possam ser discutidos de forma ética com a equipe de saúde e com a rede de convívio.

5. Considerações finais

Por ser a Atenção Primária a porta de entrada do Sistema Único de Saúde, ressalta-se a importância de realizar ações para melhor atendimento do conhecimento sobre esta ocorrência da violência e das políticas públicas de saúde das mulheres, esclarecendo e buscando minimizar os índices de morbimortalidade feminina. Entende-se que os cursos são estratégias potenciais para os serviços de saúde, para os de segurança e, principalmente, para a rede de proteção da mulher. Sendo assim, sua promoção é compromisso de consciência na busca de melhor esclarecer a população sobre a violência doméstica, no atendimento de direitos e entender a ação educativa como um dever social, levando informações à comunidade no sentido de ampliar o conhecimento da população sobre essa modalidade de violência.

6. Referências

- BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Painel de dados e denúncias de violações de direitos humanos recebidas pela ONDH no ano de 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados/2021>. Acesso em ago. 2022.
- BUTLER J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 4nd ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Original publicado em 1990). 2012.
- CARBONE, Pedro Paulo. *Projeto [de] trilhas de aprendizagem [no] MCTIC*. Brasília: Inteletto Consultoria, 2018.
- DELZIOVO et al., *Violência doméstica contra mulheres: guia para o manejo de situações de violência doméstica contra a mulher na APS / Carmem Regina Delziovo... [et al.]*. – 49 p. : il. Florianópolis: UFSC, 2022.
- GUIMARÃES MC, PEDROZA RLS. *Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas*. *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, 2015; 27(2).
- MATTAR, João. *Tutoria e interação em educação a distância. Série: Educação e tecnologia*. São Paulo. Cengage Learning. 2012.
- SARDINHA, Lynnmarie. MAHEU-GIROUX, M. STÖCKL, Heidi. MEYER, Sarah Rachel MEYER. GARCIA-MORENO, Claudia. *Global, regional,*

and national prevalence estimates of physical or sexual, or both, intimate partner violence against women in 2018, *The Lancet*, v. 399, n. 10327, 2022.

Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140673621026647>.

8. Jewkes, Rachel; Dartnall, Elizabeth. More research is needed on digital technologies in violence against women. *The Lancet Public Health*. v.4, n. 6, E270-E271, 01 jun. 2019.
Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667\(19\)30076-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667(19)30076-3/fulltext)
9. WAGNER, Ellen D. *Interactivity: from agents to outcomes*. *New Directions for Teaching and Learning*, n.71, p.19-26, out. 1997.

Artigo recebido: 20.08.2022

Aprovado para publicação: 30.09.2022

Carolina Carvalho Bolsoni

Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: carolziinha.flor@gmail.com
